



Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais

ISSN: 1517-4115

revista@anpur.org.br

Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional

GUNN, PHILIP

RETRATANDO OS AVALIADOS NAS ÁREAS BÁSICAS DA CAPES EM 2001. A PESQUISA NOS PROGRAMAS BRASILEIROS DE PÓS-GRADUAÇÃO SEGUNDO UMA "ÁREA ANPUR"

Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, vol. 4, núm. 1-2, mayo-noviembre, 2002, pp. 45-61

Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional  
Recife, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513952496006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# RETRATANDO OS AVALIADOS NAS ÁREAS BÁSICAS DA CAPES EM 2001

A PESQUISA NOS PROGRAMAS BRASILEIROS  
DE PÓS-GRADUAÇÃO SEGUNDO UMA “ÁREA ANPUR”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Arquitetura e Urbanismo e Planejamento Urbano e Regional/Demografia.

PHILIP GUNN

**RESUMO** *Este trabalho discute a base institucional para pesquisa nos programas brasileiros de pós-graduação, vista pela ótica dos programas membros da Anpur. A intenção é apresentar um retrato resumido das prioridades de pesquisa em cada programa, com base no Censo anual de dados e informações coletadas pela agência de fomento e de regulação do MEC – a Capes, responsável pela avaliação dos programas. As prioridades foram consideradas segundo as Linhas de Pesquisa anunciadas pelos programas, possibilitando não somente uma espécie de perfil dos programas componentes da Anpur, mas também facilitando um entendimento da história institucional e geográfica da pesquisa urbana e regional nas Universidades e Institutos de Pesquisa no País. O trabalho mostra que a maior parte dos programas atuais da Anpur tem vínculos históricos com a arquitetura e as linhas atuais destes programas refletem a própria história de ensino do modernismo nas escolas de arquitetura e urbanismo. Por isso a influência de um modelo de “áreas temáticas” de História, Projeto e Tecnologia se reflete nas linhas de pesquisa de muitos programas. Nem todos os programas membros da Anpur seguem esta “lógica” institucional e o trabalho tenta retratar de forma sumária as outras orientações institucionais que influem no perfil mais complexo e interdisciplinar da Associação, no campo de pesquisa.*

**PALAVRAS - CHAVE** *Pesquisa; programas de pós-graduação; avaliação; Capes.*

## LINHAS DE PESQUISA E NOTAS PARA UMA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DOS PROGRAMAS

Existe um número sem fim de portas de entrada no aproveitamento de um acervo bastante complexo de dados como é o censo das informações elaboradas pelo conjunto das escolas ou programas de pós-graduação e organizadas pela agência governamental Capes.<sup>2</sup> A razão dualista ou as razões dualistas na área Urbano e Regional foram usuais nos anos sessenta e no início dos anos setenta do século passado. Os dualismos foram uma característica no urbanismo de Françoise Chaoy, que foi uma leitura obrigatória nas escolas de arquitetura da época, ao lado de autores como Benevolo e Mumford. Os dualismos foram freqüentemente empregados para estabelecer uma variedade de diferenças na área: diferenças de objeto (o edifício e a cidade); diferenças de escala (o urbano e o regio-

<sup>2</sup> São de grande utilidade as sugestões para reflexão temática de Maria Stella Bresciani da Unicamp.

nal); diferenças de prática (a acadêmica e a profissional); e diferenças ontológicas até de olhar (a compreensão e a intervenção). Na historiografia da área, seria importante ver o dualismo específico da Arquitetura e Urbanismo como uma herança dessa época, ainda presente como uma alternativa para a organização atual de “linhas” de pesquisa institucionalizadas nos programas de pós-graduação.

Alternativamente existe a possibilidade de entendimento seguindo uma história evolutiva da área por períodos sucessivos. Essa alternativa abre a possibilidade de uma trilogia de fases históricas na evolução institucional de escolas e programas acadêmicos em arquitetura, urbanismo e planejamento no século XX. Internacionalmente o nascimento da “área” na academia ocorre na Inglaterra em 1909, quando a Universidade de Liverpool cria o curso de *Civic Design* com participação do arquiteto urbanista Patrick Abercrombie. No mesmo ano o arquiteto urbanista Raymond Unwin iniciou o curso de Urbanismo na sua “cadeira” na Universidade de Birmingham. Em ambos os casos, o surgimento do Urbanismo como uma disciplina acadêmica na Inglaterra foi fruto das conseqüências do processo acelerado de urbanização e industrialização no século anterior. O vínculo entre os industriais responsáveis pelas *company towns* modelares, como Port Sunlight, próximo a Liverpool, ou Bournville, nos subúrbios de Birmingham, foi uma iniciativa direta, com G. C. Lever financiando a cátedra de *Civic Design* e George Cadbury financiando o início do curso de Urbanismo na Universidade de Birmingham. Em 1927, o urbanismo do movimento de Ebenezer Howard transformou o movimento International de Cidade Jardim no International Federation of Housing and Town Planning, uma associação que existe até os dias de hoje. Nesses termos, o planejamento urbano ou *town planning* no Reino Unido nasceu simultaneamente ao surgimento do modernismo da arquitetura e do urbanismo dos CIAM.<sup>3</sup>

Num primeiro momento acadêmico, logo depois da Primeira Guerra, o urbanismo no Brasil emergiu como uma especialidade de desenho arquitetônico da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro e como uma especialização em Engenharia Urbana na Escola Politécnica em São Paulo em 1917. Depois da Segunda Guerra, uma segunda fase poderia ser vista no “modernismo” de arquitetura e de urbanismo, que foi institucionalizada com sua separação da Escola Politécnica e com a fundação, em 1947, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, criada em 1933.<sup>4</sup> Nos seus laboratórios de urbanismo, o tema do planejamento urbano e regional foi uma tradição iniciada nos anos cinquenta, nesta segunda fase. Uma terceira fase seria a transformação da FAU em meio ao crescimento do ensino superior nos anos sessenta com o auxílio da USAID. O início dos programas de pós-graduação na “área” em São Paulo em 1972 foi um momento especial de evolução do urbanismo para um novo “estágio” de planejamento urbano e regional exemplificado em âmbito nacional com o trabalho governamental da Serfau, do Ibam e do IBGE.

As *dualidades* de arquitetura/urbanismo e de urbanismo/planejamento seriam características dessa segunda fase da história da FAU, mas sua evolução subsequente viria de rearticulações do currículo do curso de graduação que foram fruto dos “Fóruns” da faculdade realizados nas décadas de 1960 e 1970. Foi nesse período que a grade curricular assumiu a forma atual de aulas agrupadas em matérias de história e de tecnologia em dias alternados de manhã e aulas práticas de *atelier* de projeto na parte da tarde. A trilogia departamental História, Projeto e Tecnologia então começou reunir “seqüências” de disciplinas, com seqüências da História separando arte, arquitetura, urbanização e fundamentos. Na Tecnologia as seqüências originais eram construção e conforto ambiental

3 Philip Gunn, “O urbanismo e o movimento moderno entre os conceitos biológicos de gerações e de sistemas – anacronismos culturais ou problemas paradigmáticos?”, in *Anais do encontro II Seminário Docomomo Brasil*, Salvador, 10 a 12 de setembro de 1997.

4 A Universidade de São Paulo foi criada em 1933 com a incorporação da Faculdade de Direito de 1826, da Escola Politécnica de 1893, e da Faculdade de Medicina de 1912. No mesmo ano da criação da FAU, em 1947, a Universidade criou sua Faculdade de Saúde Pública. A sede inicial da FAU foi na Vila Penteado situada na rua Maranhão, no bairro de Higienópolis. A mudança para a Cidade Universitária foi realizada nos anos sessenta e na década seguinte a Vila Penteado foi transformada na sede do novo programa de pós-graduação da FAU-USP.

visando ao edifício. Nos anos setenta, foi acrescentada uma seqüência de Metodologia, de acordo com um viés instrumentalista que pode ser chamado de “modernismo tardio”. No departamento de Projeto a divisão da área não seguiu uma separação simples de campos de arquitetura e de urbanismo.<sup>5</sup> Em vez disso, houve tendências de especialização com o projeto sendo dividido em campos de paisagismo, comunicação visual, desenho industrial, além da divisão por ano do curso de arquitetura e planejamento. Vale a pena ressaltar que a crença na utilidade de especializações somente ganhou legitimidade pela primazia dos colegas professores – muitos aposentados e excluídos pelo regime militar –, praticantes de uma arquitetura moderna vinculada ao sucesso do brutalismo paulista e a outros feitos. Nessas condições a fórmula departamental pareceu adequada à necessidade de uma temática central forte de desenho do projeto, mas com espaços consideráveis para as especializações não somente nos departamentos de História e de Tecnologia de arquitetura e urbanismo.

Para programas de pós-graduação que nasceram em escolas de Arquitetura, a divisão de arquitetura e urbanismo foi uma referência primária. A trilogia modernista História, Projeto e Tecnologia, que se iniciou como referência de ensino de graduação nessas escolas, foi uma segunda referência institucional importante na área dos programas da Anpur. Uma terceira referência que rompe com uma lógica de “hegemonia dos arquitetos” é a questão institucional da interdisciplinaridade. Na genealogia das escolas que compõem a Anpur, houve casos em que um programa nasceu numa escola de Engenharia mas “pulou” a etapa de organização da graduação dos arquitetos. Nesse caso, a história do Ippur que nasceu na Coppe na UFRJ é exemplar. Mas essa história, na Academia, reflete uma passagem maior, desde os anos sessenta, do urbanismo para o planejamento – entendida como uma atividade interdisciplinar com a presença de arquitetos, mas também de geógrafos, economistas, sociólogos, além de engenheiros, estatísticos, advogados e outros profissionais nos campos de estudos urbanos e regionais.<sup>6</sup> A questão delicada aqui é o grau de autonomia permitido, conquistado ou alcançado por cada contribuição disciplinar ao “convívio” multi ou interdisciplinar de planejamento. Os casos institucionais em São Paulo e no Rio de Janeiro demonstram trajetórias historicamente não somente diferentes mas opostas.

A mesma busca de autonomia de uma disciplina poderia acontecer com as especialidades dos novos processos de trabalho, confirmada pela presença de programas de Desenho e de Demografia nas áreas básicas registradas no censo da Capes. As raízes profissionais de ambas as especialidades foram estabelecidas nos anos pós-Segunda Guerra, no Brasil. Depois de 1945, a demografia surgiu no campo do planejamento urbano, justamente quando o futuro da cidade ou da região transformaram o trabalho de projeção, inclusive estética, do urbanismo num trabalho de previsão científica e multidisciplinar de planejamento urbano e regional racional e instrumental ante um processo acelerado de urbanização caótica, desordenada e freqüentemente miserável no padrão de urbanização vigente nos meados do século.<sup>7</sup> O desenho industrial – que nasce no processo análogo de industrialização nos anos cinqüenta – também sugere uma procura para uma autonomia criativa, fora do alcance restritivo de um mundo imobiliário no ambiente construído dos arquitetos de projeto.<sup>8</sup> Para situar as histórias institucionais de programas de pós-graduação essa busca de autonomia e interdisciplinaridade seria uma terceira marca de análise para o conjunto dos programas nacionais.

**5** Pelo contrário, houve uma crença na unicidade de campo de atuação profissional do arquiteto numa variedade de escalas espaciais desde o edifício no lote, o ambiente construído do bairro, da cidade e até de sua região de entorno.

**6** A reação, tipificada pela experiência da FAU-USP, seria a de criar uma espécie de enclave disciplinar de docentes “não arquitetos” para tratar o assunto “fundamentos” no curso de graduação. O enclave se transforma numa seqüência, mas dentro de um departamento cujo conselho exerce a hegemonia dos arquitetos sobre os sociólogos, historiadores, demógrafos etc.

**7** Ref. Marilena Chauí, na “Mesa-redonda sobre a cidade”, *Espaço & Debates*.

**8** Com o fim do projeto nacional de industrialização em 1987, a matéria de Desenho Industrial adotou a linguagem da globalização e transformou-se em *Design*.

## OS PROGRAMAS E AS LINHAS DE PESQUISA AVALIADAS E CONCEITUADAS PELA CAPES

Com base nas três preocupações oriundas da experiência histórica da evolução institucional da “área Anpur”, seria interessante examinar as linhas de pesquisa criadas nos programas de pós-graduação para imaginar o perfil específico de cada programa. As informações sobre os programas foram obtidas com base no censo da área composta pelo material fornecido pelos programas ao cadastro da Capes e usado na avaliação e na atribuição de conceitos feitas nacionalmente por esse órgão do governo federal vinculado ao Ministério da Educação. Os comentários a seguir seguem uma ordem de exposição geográfica antes de ressaltar uma determinação disciplinar de organização de atividades de pesquisa com base em histórias institucionais. Os comentários também refletem os limites de uma opinião forçosamente subjetiva (ver Quadro 1 para a listagem das linhas de pesquisa por programa em 2001).

Na geografia institucional dos programas, a região Nordeste tem quatro programas nas áreas básicas da Capes e dentro da área Anpur. Com a exceção do programa Unifacs em Salvador, que representa uma tendência especial<sup>9</sup> na área básica de PUR/Demografia na Capes, todos os demais programas possuem vínculos históricos com escolas de arquitetura no ensino público federal. Em Natal (Arqurb) as linhas de pesquisa sugerem uma influência do modelo HPT (História/Projeto/Tecnologia) com uma linha de História da arquitetura e da cidade que foi ressaltada na organização do último encontro de História da Cidade e do Urbanismo. A influência do Projeto poderia ser vista em duas linhas que contemplam estudos de habitação e de planejamento urbano com preocupações instrumentais de gestão e “políticas físico-territoriais”. Tecnologia se faz presente também com referências ao vínculo entre configuração espacial e conforto no “ambiente construído”. Em Recife, diferente de Natal, parece que houve uma tentativa de romper com uma dificuldade real de fronteiras internas que tendem a se estabelecer nos programas, evitando-se o apelo aos dualismos de A&U ou PU&R ou os apelos do modelo de HPT. Alocado na área básica de Planejamento Urbano e Regional/Demografia da Capes, o programa, nas suas linhas de pesquisa, parece ter uma identidade “mais Planurb do que Planur”, devido à ausência explícita do conceito de região. Por diversas décadas o programa foi conhecido nacionalmente como MDU. Depois de criar o programa de doutorado numa época recente de desvalorização do mestrado, o programa ainda encontra dificuldades de assimilar uma nova identidade DU. As linhas de pesquisa da nova DU parecem enfrentar dificuldades de identidade externa e barreiras internas com o recurso a três linhas temáticas de pesquisa, enxutas, que aproveitam a flexibilidade de uma metalinguagem de conservação, espaço construído, e a possível tautologia de “políticas públicas” (num mundo onde não se estuda como tema políticas privadas). A solução é criativa e lembra a estratégia da pós-graduação na FAU-USP, onde houve tentativas de superar as lutas internas do modelo tridepartamental com a definição deliberadamente ambígua de uma única área de concentração em que todo mundo virou mestre ou doutor em “Estruturas Ambientais Urbanas”. O artifício durou três décadas antes de ser atropelado pela morte do estruturalismo althusseriana em um mundo neoliberal.

O programa da UFBA em Salvador parece contar com uma história que inclui os dualismos dos anos sessenta e os requisitos de um modelo tridepartamental, mas que nunca foi a reboque da trajetória dos programas em São Paulo. A identidade própria da escola no Bairro de Federação sempre foi o forte da História (A&U) com a integração de Tecnologia de conservação e restauro. No viés Projeto, as linhas atuais de pesquisa ressaltam o

<sup>9</sup> Especial por conta da perspectiva atual de transferência de uma série de programas de Desenvolvimento Regional visando a sociologia, a economia, a geografia e a administração de desenvolvimento, oriundos de outras áreas básicas, para a área básica de PUR/ Demografia da Capes.

campo temático da linguagem e representação na arquitetura e no urbanismo. Domina a pesquisa dos “processos urbanos” com sua dimensão projetual e instrumental “físico-territorial”, em que a hegemonia dos arquitetos ainda é suprema. O programa da Unifacs em Salvador, pelo contrário, parece preocupado em evitar essa hegemonia no campo da cidade, buscando, nas suas três linhas de pesquisa, uma vocação própria no campo interdisciplinar do regionalismo. Suas linhas parecem sistêmicas na preocupação com processos e com reestruturação, enquanto também aceitam, para esse observador, a moda do “desenvolvimento sustentável”. A moda do “sustentável” ou da “sustentabilidade” foi trazida e amplamente divulgada no Brasil pelo empresário canadense do setor de energia nuclear, Norman Strong, na sua condição de coordenador da ONU no encontro da Eco-92 no Rio de Janeiro. No meio dos tumultos de protesto nas ruas de Joanesburgo no encontro Rio+10, seria notado o sucesso de Strong, contemplado com linhas de pesquisa na área da Anpur não somente no programa da Unifacs em Salvador mas também até na UnB em Brasília (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Linhas de Pesquisa nos Programas da Área Anpur, em 2001.

23001011024P-1	Arquitetura e Urbanismo — UFRN: Natal [AU/Design]
	<ul style="list-style-type: none"> <li>cidade, habitação e contemporaneidade</li> <li>configuração espacial e conforto no ambiente construído</li> <li>gestão e políticas físico-territoriais</li> <li>história da cidade e do urbanismo</li> </ul>
25001019030P-7	Desenvolvimento Urbano — DU UFPE: Recife [PUR/Demog.]
	<ul style="list-style-type: none"> <li>conservação urbana</li> <li>estudo do ambiente construído</li> <li>políticas públicas</li> </ul>
28001010019P-5	Arquitetura e Urbanismo — UFBA: Salvador [AU/Design]
	<ul style="list-style-type: none"> <li>história da cidade e do urbanismo</li> <li>história e crítica da arquitetura</li> <li>linguagem, informação e representação do espaço</li> <li>processos urbanos contemporâneos e dimensão físico-espacial</li> <li>teoria e tecnologia da conservação e do restauro</li> </ul>
28013018001P-0	Análise Regional — UNIFACS Salvador [PUR/Demog.]
	<ul style="list-style-type: none"> <li>ambiente social e desenvolvimento sustentável</li> <li>formação e reestruturação de novas regiões no nordeste</li> <li>processos urbanos regionais</li> </ul>
53001010042P-8	Arquitetura e Urbanismo — UnB: Brasília [AU/Design]
	<ul style="list-style-type: none"> <li>arquitetura: pedagogia e profissão</li> <li>divulgação e aplicação da análise econômica e geográfica</li> <li>urbana para o estudo de cidades.</li> <li>estética da arquitetura</li> <li>estrutura do espaço construído</li> <li>historiografia do espaço construído</li> <li>métodos e processos de produção do espaço</li> <li>pesquisa comparada em habitação</li> <li>revitalização de áreas urbanas com uso da contribuição de melhoria</li> <li>sustentabilidade em arquitetura e urbanismo</li> </ul>

32001010049P-0	Arquitetura — UFMG: Belo Horizonte
	análise crítica da arquitetura e urbanismo: abordagens e aplicações. avaliação – arquitetônica e urbanística – dos assentamentos humanos para apoiar o desenvolvimento de novas cidades concepção, metodologia e tecnologia do projeto de arquitetura e urbanismo. história da arquitetura e urbanismo em minas gerais: tradição e atualidades. o ensino de arquitetura e urbanismo: concepções, métodos e técnicas – graduação e pós-graduação.
32001010034P-2	Demografia — CEDEPLAR UFMG: Belo Horizonte [PUR/Demog.]
	dinâmica demográfica e seus componentes dinâmica demográfica em sua inter disciplinariedade população e políticas sociais
42001013026P-8	Planejamento Urbano e Regional — PROPUR UFRGS: Porto Alegre [PUR/Demog.]
	a análise urbana e regional cidade, cultura e política percepção e análise do espaço construído sistemas configuracionais urbanos
42001013049P-8	Arquitetura — UFRGS: Porto Alegre [AU/Design]
	arquitetura brasileira e latino americana nos séculos XIX e XX consumo energético na edificação e na urbanização economia da edificação e da urbanização fundamentos, princípios e paradigmas da arquitetura habitabilidade da edificação e da urbanização modelagem da forma urbana e da edificação paisagismo sem/projetos tipologias arquitetônicas e morfologia urbana
31001017088P-2	Arquitetura — UFRJ: Rio de Janeiro [AU/Design]
	bioclimatismo e eficiência energética conforto e qualidade no ambiente construído desenho da paisagem e do território habitação de interesse social história da arquitetura no brasil historiografia da arquitetura brasileira (sem/projetos) metodologias e teorias do projeto preservação e restauração do patrimônio cultural qualidade e racionalização do projeto e da construção
31005012027P-9	Design — PUC-Rio de Janeiro
	design: comunicação, cultura e artes design: ergonomia e usabilidade e interação homem-computador design: tecnologia, educação e sociedade
31001017065P-2	Planejamento Urbano e Regional — Ippur UFRJ: Rio de Janeiro [PUR/Demog.]
	conjuntura social, tecnologia e território estado, trabalho, território e natureza metrópoles: desigualdades sócio espaciais e governança urbana questão regional, Estado, inovação e economia téchne, logos, pólis território fluminense: terra, capital, urbanização

---

31045014001P-7 Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais – ENCE: Rio de Janeiro

---

dinâmica demográfica  
 dinâmica sócio-econômica, populacional e territorial do Brasil  
 métodos e técnicas de análise demográfica  
 planejamento, estimação e modelagem estatística em pesquisas  
 por amostragem  
 pobreza, desigualdade social e mercado de trabalho  
 produção e análise da informação geográfica

---

33024014020P-7 Arquitetura e Urbanismo — Universidade Mackenzie: São Paulo [AU/Design]

---

arquitetura moderna e contemporânea: representação e intervenção  
 urbanismo moderno e contemporâneo: representação e intervenção

---

33006016010P-0 Urbanismo — PUCCamp: Campinas [AU/Design]

---

gestão urbana  
 história do pensamento urbanístico  
 tratadística da arquitetura e da cidade

---

33003017061P-5 Demografia — Unicamp: Campinas [PUR/Demog.]

---

dinâmica demográfica e políticas sociais  
 estudos de população

---

33002045014P-7 Arquitetura — USP/SC: São Carlos [AU/Design]

---

arquitetura, artes e estética  
 arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil e na A. Latina  
 cidades no Brasil: problematização, representações, intervenções e políticas  
 conforto ambiental e eficiência energética no edifício e na cidade  
 desenvolvimento e avaliação de produtos e processos no ambiente construído.  
 habitação e modos de morar  
 inovações tecnológicas no edifício e na cidade  
 o urbanismo como disciplina: cultura técnica e profissional  
 políticas e projetos tecnológicos no ambiente construído.

---

33002010097P-3 Arquitetura e Urbanismo — USP (FAU): São Paulo [AU/Design]

---

fundamentos sociais da arquitetura do urbanismo no brasil  
 história da arquitetura/história da técnica no brasil  
 história da arquitetura no brasil  
 história da arquitetura/arte no brasil  
 teoria da urbanização/espço urbano e arquitetura  
 teoria da urbanização/política urbana  
 teoria da urbanização/produção e apropriação do espaço  
 teoria da urbanização e do planejamento urbano brasileiro  
 comunicação visual ambiental  
 cultura material e industrialismo sem projeto  
 desenho industrial/design ambiental  
 desenho industrial/sistemas de objetos  
 imagem e representação sem projeto  
 percepção ambiental/imagem e representação  
 planejamento paisagístico  
 planejamento regional  
 planejamento urbano  
 programação visual/planejamento ambiental  
 programação visual/planejamento gráfico sem projeto

projeto do produto/design do projeto industrial relac. sist. de objeto  
 projeto de edificação/arquitetura e meio ambiente  
 projeto do produto/design industrial relacionado à edificação  
 tecnologia da arquitetura/economia e racionalização construção  
 tecnologia da arquitetura/conforto ambiental  
 tecnologias de sistemas regionais, urbanos e ambientais

---

Na UnB em Brasília, nove linhas de pesquisa foram encontradas no censo da Capes. Na ausência de um conhecimento maior sobre a história institucional do programa e suas características internas é difícil comentar os títulos das linhas. Por um lado, a listagem de linhas de pesquisa sugere uma coleção de projetos que às vezes reflete padrões de inovação a exemplo do título da linha “arquitetura: pedagogia e profissão”. Por outro, a listagem sugere um ecletismo de temas que ainda aguardam uma articulação conceitual maior. A presença de “análise econômica e geográfica” nos estudos urbanos sugere uma ênfase na interdisciplinaridade, contando com geógrafos e economistas, enquanto a “estética da arquitetura” e a “historiografia do espaço construído” sugerem uma base no segmento H do modelo HPT.<sup>10</sup> Também se registra a presença da metalinguagem de “espaço construído” pesquisada com vistas a seus atributos de “estrutura” e “métodos e processos de produção”. A metalinguagem referida se coloca em contraste com temas mais empíricos na área, como “habitação comparada” e “a contribuição de melhoria para revitalização urbana”. A metapalavra *sustentabilidade* foi mencionada anteriormente.

10 Até esse ponto todos as linhas encontram ecos no Departamento de História da FAU-USP.

Em Belo Horizonte as linhas de pesquisa de uma área Anpur se dividem radicalmente em duas áreas básicas Capes, conforme os programas de Arquitetura e Urbanismo e o programa de Demografia no Cedeplar. Na primeira escola, com cinco linhas de pesquisa, traços de um modelo HPT parecem visíveis; na História da arquitetura e do urbanismo em Minas Gerais e na Tecnologia de Projeto de Arquitetura e de Urbanismo. Nesse suposto caso do modelo HPT, o vetor Projeto parece ter um viés mais acadêmico que profissional, no caso da “análise crítica da arquitetura e urbanismo: abordagens e aplicações”. Mas o Projeto num sentido profissional parece contemplado na análise dos assentamentos humanos e do ensino em escolas de Arquitetura. Mais uma vez, além do caso da FAUFBA, o uso implícito de um modelo HPT parece resultante de uma influência geral do modernismo nas escolas de Arquitetura no Brasil, mais do que qualquer influência paulista. O segundo programa, oriundo do Centro de Estudos Econômicos – Cedeplar, o programa de Demografia, divide suas linhas de pesquisa basicamente em duas vertentes, num procedimento temático comum aos outros dois programas de Demografia (Campinas e Rio de Janeiro). Uma vertente seria a *dinâmica demográfica* pesquisada em Belo Horizonte segundo projetos sobre *componentes* e sobre a ótica de *interdisciplinaridade*. A outra vertente seria de demografia aplicada que, no caso do programa do Cedeplar, trata do vínculo com políticas sociais.

Na região Sul, a pós-graduação na área Anpur e nos dados das duas áreas Capes continua sendo exercida pelos programas da UFRGS em Porto Alegre. Um mestrado de desenvolvimento regional é uma tradição na UFPA em Curitiba, mas faz parte da área de Economia na Capes, da qual não temos informações disponíveis para o retrato atual. Em Porto Alegre a visão positiva das diferenças entre arquitetura e planejamento separa os programas. O modernismo do modelo tridepartamental aparece especialmente no Programa de Arquitetura, que conta atualmente com sete linhas de pesquisa. A História faz presença nas linhas de estudo da *arquitetura brasileira e latino americana nos séculos XIX e*

XX e nas de *fundamentos, princípios e paradigmas da arquitetura*. A Tecnologia influi na linha de *economia de edificação*, na linha de *modelagem da forma* e na linha de *consumo energético*. Projeto, por sua vez, surge na *habitabilidade da edificação e da urbanização* e na linha preocupada com as *tipologias arquitetônicas e morfologia urbana*.

Na mesma Universidade Federal em Porto Alegre a influência de arquitetos ainda predomina no Propur, com seu programa de quatro linhas de pesquisa incluindo as linhas de *percepção e análise do espaço construído* e também *sistemas configuracionais urbanos*. Mas a interdisciplinaridade também aparece no conteúdo das linhas de *análise urbana e regional* e na presença de historiadores na linha de *cidade, cultura e política*. Dentro da UFRGS a divisão de área Anpur nos dois programas citados permite à Instituição “manter um pé” em ambas as áreas básicas da Capes.

Na organização da vida institucional da área Anpur uma característica espacial sempre presente desde o início dos anos oitenta foi a força do eixo Rio–São Paulo. Essa característica, entretanto, enquadrou diferenças fundamentais na organização institucional da pesquisa na área Anpur nos dois Estados. Em São Paulo o problema poderia ser posto em termos da concentração acentuada em um programa específico, enquanto os centros de pesquisa na metrópole do Rio de Janeiro exibem um padrão oposto, com uma “fragmentação” institucional de programas. A metrópole do Rio de Janeiro, como ex-Distrito Federal e capital do País, é sede de diversos órgãos e agências do governo federal, como o Fibge e o Ibam. Também é sede da Escola Nacional de Ciência Estatística, a Ence, presente na área básica PUR/Demografia com seu programa de Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais. O Programa é da subárea de Demografia e segue a divisão quase unânime em áreas de *dinâmica demográfica* com uma linha Ence de pesquisa e com cinco linhas de pesquisa na área de *demografia aplicada*, que inclui muitos projetos e linhas que parecem visar o trabalho censitário da Fibge. Numa vertente extrema da diversidade institucional no Rio de Janeiro, uma área básica da Capes inclui a subárea *Design* junto com Arquitetura e Urbanismo. Trata-se de um programa sediado numa instituição não-federal, a PUC do Rio de Janeiro, com três linhas de pesquisa abraçando os temas de *comunicação, ergonomia e tecnologia*. Mas o peso maior de pesquisa, para uma área Anpur no Rio de Janeiro, continua em andares contíguos do Prédio da Reitoria, projetado por Jorge Machado Moreira e pela Equipe do Escritório Técnico da Universidade do Brasil em 1957 para sediar a Faculdade Nacional de Arquitetura.<sup>11</sup> Atualmente, num andar inferior (o 4º) ficou alojado o programa de pós-graduação dos arquitetos da UFRJ que pertence à área básica de Arquitetura e Urbanismo/*Design* da Capes. As raízes modernistas desse programa poderiam ser vistas na força inercial do modelo História, Projeto e Tecnologia, ainda sugerida pelas oito linhas de pesquisa que atualmente estão funcionando. A História é representada pelas linhas da *história da arquitetura no Brasil* e pela *preservação e restauração do patrimônio cultural*. O Projeto é contemplado com as linhas de *desenho da paisagem, habitação de interesse social e metodologias e teorias do projeto*. A Tecnologia por sua vez, possui três linhas de conforto ambiental e construção conforme as linhas de *bioclimatismo e eficiência energética, conforto e qualidade no ambiente construído e qualidade e racionalização do projeto e da construção*.

No andar superior (o 5º) está o Ippur. Na passagem da Universidade do Brasil para a Universidade Federal no Rio de Janeiro a força da engenharia na organização da instituição foi considerável. Na criação de uma educação superior com programas de pós-graduação nos anos sessenta e setenta, a presença da engenharia foi centrada na organização da Coppe. E foi na Coppe que nasceu o Ippur, com sua atuação voltada para os campos

**11** Vide Jorge Czajkowski (Org.), *Guia da arquitetura moderna no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000, p.118.

de Planejamento Urbano e Regional, com um enfoque interdisciplinar sobre ensino e pesquisa. A história institucional do Ippur é importante, até mesmo para ilustrar um caso de egresso direto de uma escola de engenharia que não passa por uma etapa intermediária numa escola de arquitetura, como foi parcialmente o caso do programa da FAU saindo da Escola Politécnica da USP em 1947. No caso do prédio da UFRJ, a relação entre andares indica que, em termos espaciais, pelo menos, a contigüidade não necessariamente impede diferenças. As linhas de pesquisa do Ippur não possuem uma lógica sugerida pelo modelo tripartite associada com as escolas de arquitetura. Por outro lado, a “responsabilidade de raiz” no Ippur seria a de exibir interdisciplinaridade e, para fundamentar uma ciência “urbano & regional”, nota-se a presença das áreas de sociologia, geografia, economia e outras áreas das ciências sociais nas suas linhas de pesquisa sobre *Estado, trabalho, território e natureza; conjuntura social, tecnologia e território; metrópoles: desigualdades socioespaciais e governança urbana; questão regional, Estado, inovação e economia*. Historiadores e arquitetos fazem parte dessas e de outras linhas com interdisciplinaridade, como é o caso da linha *território fluminense: terra, capital, urbanização*. O Ippur na historiografia da área até demonstra um viés clássico com a linha de *techne, logos, polis*.

No Estado de São Paulo a evolução institucional da área foi diferente, com o vínculo peculiar de universidades públicas organizadas no âmbito do governo estadual. A congregação de programas membros da Anpur ainda conta com dois programas não-públicos sediados em Campinas e São Paulo que pertencem a igrejas católica e presbiteriana, Puccamp e Mackenzie, respectivamente. As duas linhas do programa relativamente recente do Mackenzie pertencem a uma escola de Arquitetura e Urbanismo e à área básica congênere da Capes. Ainda em 2001, as linhas parecem provisórias com a mesma descrição – “moderna e contemporânea: representação e intervenção” – aplicada igualmente à arquitetura e ao urbanismo. No caso da Puccamp em Campinas, uma limitação de recursos parece significar economia na abrangência da proposta das três linhas que ficaram restritas ao campo de Urbanismo nas matérias de gestão e história urbana. No caso de Campinas, a Unicamp atualmente conta com um programa noturno de graduação em Arquitetura, mas na pós-graduação a Unicamp pertence à comunidade da Anpur e à área básica da Capes PUR/Demografia por conta de seu programa na subárea de Demografia, que segue a divisão nacional de dinâmica demográfica e demografia aplicada aos estudos de população, nas suas linhas de pesquisa e na organização de pesquisa no seu núcleo Nepo.

Na Universidade de São Paulo existem dois programas de uma área Anpur, localizados no campus de São Paulo-Capital e no de São Carlos. O programa do Departamento de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos foi abrigado em prédios próprios dentro da Escola de Engenharia. Seus docentes em muitos casos também tiveram vínculos com a Puccamp e com a FAU-USP. A influência nacional do modelo tripartite poderia ser vista nas suas nove linhas de pesquisa. A Tecnologia aparece mais claramente demarcada nas linhas *conforto ambiental e eficiência energética, desenvolvimento e avaliação de produtos, inovações tecnológicas no edifício e na cidade e políticas e projetos tecnológicos*. A História é presente nas linhas de *arquitetura, artes e estética*, e, provavelmente, em *urbanismo como disciplina: cultura técnica e profissional*. Mas é mais difícil identificar no título de outras linhas um divisor entre História e Projeto. Esse é o caso das linhas de pesquisa: *arquitetura, urbanismo e paisagismo no Brasil e na América Latina, cidades no Brasil e habitação e modos de morar*. O caso de São Carlos é interessante para ilustrar certas alterações no modelo da FAU-USP, parcialmente “borrando” os divisores dentro de um curso de arquitetura

ra e urbanismo entre a história e o projeto sem, necessariamente, exibir um compromisso pleno de uma perspectiva interdisciplinar alternativa.

O caso do programa da FAU-USP no campo da Arquitetura e Urbanismo é tratado por último, provavelmente pela sua proximidade e pela dificuldade para esse autor de tratar uma experiência vivida pessoalmente por quase trinta anos. Proximidade espacial tende a dificultar a formação de uma perspectiva. O “gigantismo” quantitativo de seu funcionamento também dificulta uma visão holística de sua atuação nas atividades de pesquisa. Oito linhas de pesquisa aproveitam docentes do Departamento de História. Quatorze (14) linhas pertencem ao Departamento de Projeto e, numa forma mais econômica, a Tecnologia apresenta três linhas (ver Quadro 1). Anteriormente foi sugerido que o modelo tridepartamental foi intimamente, mas não exclusivamente, vinculado à história institucional dessa Escola. Nesses termos, os títulos das linhas de pesquisa não são uma mera questão de uso de terminologia que poderia ser reeditada e enxugada como uma questão de representação e linguagem. Cabe lembrar que cada linha de pesquisa é composta por docentes e alunos ativamente engajados em projetos que compõem as linhas e que representam muitas vezes conquistas nas lutas intra- e interdepartamentais, dentro da Escola. Não há uma linha de pesquisa sem docentes agrupados numa seqüência de disciplinas de graduação e existem 78 docentes para 25 linhas.

Em termos quantitativos o percentual de docentes por linha, em média, não é fora dos padrões de escolas em outras partes do Brasil. Entretanto, seu tamanho sugere dificuldades e a possibilidade de uma certa degenerescência acadêmica quando se lembra, como metáfora, a arquitetura, projeto e construção da Torre de Babel, elaborada no século XVI pelo “arquiteto” Pieter Brueghel (o Velho). Também a utilidade e astúcia de ter uma única área de concentração abrigoando uma multidão de projetos de pesquisas diversas parece algo milagroso. Lúcio Grinover, docente e participante ativo na fundação da Anpur no início dos anos oitenta, foi o autor ou pelo menos co-autor do campo/área de concentração Estruturas Ambientais Urbanas. Essa conclusão gera uma segunda reflexão: que o modelo modernista de História/Projeto/Tecnologia na pós-graduação, diferente da graduação, sempre funcionou melhor nos anos oitenta e noventa quando tinha uma força acadêmica implícita sem a necessidade de uma institucionalização explícita.

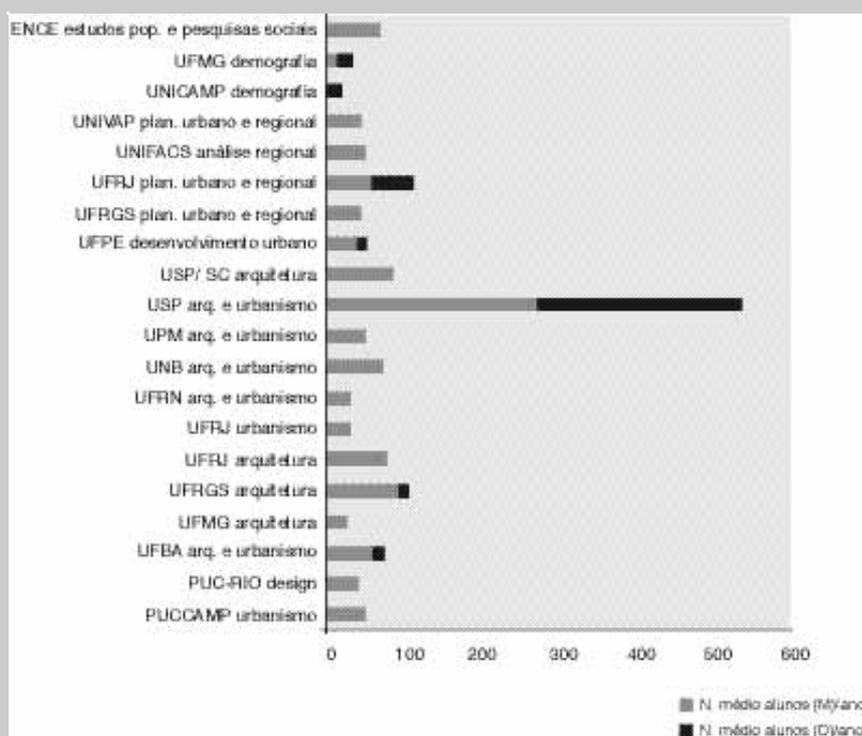
Uma terceira reflexão seria a de que os tempos mudaram e que o perfil da área Anpur, conforme ainda o retrata as linhas de pesquisa dos programas em 2001, não é necessariamente um guia para o futuro, admitindo somente a força inercial da história institucional vivida. Por isso, no caso da FAU-USP não é necessariamente “apocalíptica” a visão da multiplicação de áreas de concentração que atualmente está acontecendo, quando esse programa tenta se adaptar às normas/sugestões nacionais explicitadas nas avaliações da Capes. Mas, reviver na pós-graduação as lutas inter e intradepartamentais realizadas na história do curso da graduação seria uma outra coisa. Numa conjuntura em que as universidades assistem à consolidação das mudanças do neoliberalismo e da globalização dos anos noventa e vivem os efeitos do fim da “nova economia” e da “bolha especulativa”, para não falar em Bin Laden e Thomas O’Neill, seria difícil afirmar que “tudo ficou na mesma”, pelo menos em termos formais na Academia brasileira. Uma indicação de inovações temáticas de pesquisa na área Anpur não seria possível somente com a análise das linhas de pesquisa mencionadas. Para isso seria importante ver os resumos dos projetos de pesquisa contidos nas linhas examinadas, o que poderia ser um próximo trabalho a realizar.

Quadro 2 – Docentes e Alunos na Áreas Básicas da Capes (Arquitetura/Urbanismo e Planejamento Urbano e Regional/Demografia) – Ano Base 2001

Nome	curso/ conceito	docentes	nrd6	nrd7	alunos	N.médio	N.médio	Evasões	Deslig.	Deslig.	Deslig.
						alunos	alunos		(M)	(D)	Total
						(M)/ano	(D)/ano				
Puccamp Urbanismo	M(3)	8	6	6	56	47	0	0	0	-	0
PUC-Rio Design	M(4)	11	10	10	54	39	0	2	2	-	2
UFBA Arq. e Urbanismo	M(5), D(5)	22	15	15	88	57	17	1	0	0	0
UFMG Arquitetura	M(3)	12	8	8	35	25	0	0	0	-	0
UFRGS Arquitetura	M(4), D(4)	15	9	10	274	91	14	149	109	1	110
UFRJ Arquitetura	M(5)	26	19	19	112	76	0	19	8	-	8
UFRJ Urbanismo	M(4), D(4)	13	10	10	42	29	0	6	5	0	5
UFRN Arq. e Urbanismo	M(3)	8	6	6	37	29	0	1	0	-	0
UnB Arq. e Urbanismo	M(4)	21	13	13	90	71	0	8	2	-	2
UPM Arq. e Urbanismo	M(3)	9	8	8	51	48	0	3	1	-	1
USP Arq. e Urbanismo	M(5), D(5)	86	54	54	676	272	265	30	3	21	24
USP/SC Arquitetura	M(4)	24	15	15	103	85	0	5	5	-	5
UFPE Desenv. Urbano	M(5), D(5)	17	13	13	73	35	15	0	10	0	10
UFRGS Plan. Urbano e Regional	M(4)	15	11	13	56	42	0	3	4	0	4
UFRJ Plan. Urbano e Regional	M(5), D(5)	14	14	14	146	58	54	10	1	0	1
UNIFACS Análise Regional	M(3)	10	8	8	55	49	0	7	2	0	2
UNIVAP Plan. Urbano e Regional	M(3)	10	6	5	56	43	0	3	-	-	-
Unicamp Demografia	D(4)	11	7	7	23	0	20	1	0	0	0
UFMG Demografia	M(6), D(6)	13	13	13	47	12	20	3	2	1	3
Ence Estudos Pop. e Pesquisas Sociais	M(4)	14	12	13	78	67	0	4	-	-	-

Fonte: Capes. Sistema de Avaliação.

Gráfico 1 – Alunos de Pós-Graduação por programa



## CONCLUSÃO SOBRE OS PROBLEMAS DE MACROCEFALIA E MICROCEFALIA NA FAU-USP E OUTROS LUGARES DE ARQUITETURA E URBANISMO

Constatada uma questão de “gigantismo”, que não é um fator normalmente considerado nas avaliações da Capes, cabem algumas especulações sobre o tratamento que deve ser dado ao caso ainda não sujeito a um processo de normatização. Buscando uma inspiração oriunda do Século das Luzes é possível lembrar o nome do anglo-irlandês Jonathan Swift (1667-1745). No livro sobre as viagens de Gulliver, publicado pela primeira vez em Londres em 1726, Swift trata explicitamente o problema do gigantismo quando o herói se encontra preso na Ilha de Lilliput, entre os seres que parecem ser semelhantes, mas numa escala diminuta. Nesse caso foi exigido de nosso herói Gulliver, o gigante em Lilliput, um juramento como condição para ganhar sua liberdade no Império.<sup>12</sup> Trata-se de um acordo, feito em forma de lei com oito artigos, promulgado no 12º dia da 21ª Lua do reinado, quando o homem-montanha prestou um juramento solene perante o imperador, sua majestade mais sublime, Golbasto M. E. G. S. Mully Uly Gue, com todos os seus atributos, incluindo sua condição de deleite e terror do Universo.

Trocando o entendimento dos domínios do rei para os domínios da Capes e trocando a figura do homem-montanha para a figura do Programa 33002010097P-3,<sup>13</sup> então as sugestões de Swift seguem uma lógica judicial ainda pertinente na realidade atual. A redação da lei segue a prática moderna delimitando, em seu artigo primeiro, a área da aplicação da liberdade cedida mas condicionada: “O homem-montanha não pode sair dos domínios do rei [Capes] sem uma licença específica com o carimbo do rei”. De-

<sup>12</sup> Jonathan Swift, *Gullivers Travels*, London: Penguin, 1994, [1.ed., 1726], p.37-9.

<sup>13</sup> Capes, Programa 3300 2010097P-3 ARQUITETURA E URBANISMO – USP.

pois houve uma série de restrições à liberdade de movimento que incluem alguns artigos menos importantes, como o segundo artigo: “Ele não pode pensar em entrar na metrópole [de Brasília?] sem uma ordem expressa com pelo menos duas horas de previsão de chegada”.

Mas também houve restrições importantes oriundas do respeito cidadão com os direitos dos outros, imposta no comportamento de Gulliver. Por essas razões, o terceiro artigo indica que o “dito homem-montanha deve restringir seus movimentos às estradas principais do reino e não deitar em plantações (de milho ou de outros)”. O artigo seguinte aprofunda o antecedente: “Quando andar pelas estradas, ele deve tomar o maior cuidado para não pisar nas pessoas do reino, seus animais ou pertences e não pegar neles sem seu consentimento”. Entendemos que o Programa 33002010097P-3 deve reconhecer os perigos de sua situação perante os outros e zelar por sua reputação de um programa minimamente cordial.

Os outros artigos tratam de exigir vantagens da presença do gigante no país desempenhando tarefas especialmente facilitadas pelo seu próprio tamanho. A lei sugere a cartografia da área dos domínios do rei como uma tarefa especialmente facilitada pelo tamanho do homem-montanha. A redação do oitavo artigo foi explícita: “O homem-montanha deve apresentar num prazo de dois ciclos da Lua um mapeamento dos nossos domínios computados por via dos passos que faz andando pela costa dos nossos domínios”. Também no quinto artigo, a lei exigiu que Gulliver deve apoiar a infra-estrutura de comunicações no reino. “Por conta da facilidade de mobilidade proporcionada pelo seu tamanho, o homem-montanha deve auxiliar um mensageiro do rei em qualquer diligência urgente, numa jornada de seis dias cada ciclo completo da Lua, e devolver o mensageiro, com segurança, à presença do rei”. Até nas suas horas vagas as vantagens de seu tamanho podem ser solicitadas por terceiros. O artigo sétimo cita o caso de pedreiros pedindo apoio para levantar pedras enormes para a construção das muralhas das dependências do rei.

A liberdade do homem-montanha também foi condicionada pela aceitação de ser aliado de Lilliput em situações de necessidade urgente. Nesse caso foi o sexto artigo que estipulou a condição de “ser nosso aliado na luta contra os nossos inimigos na Ilha de Blefuscu e fazer de tudo para destruir a armada preparada para invadir nosso reino”. Observando as condições nos artigos escritos indicados, o homem-montanha tinha o direito à liberdade e o direito de receber diariamente uma quantidade de carne e comida equivalente ao consumo de 1.728 habitantes do reino, além de acesso franqueado à presença do rei e outras regalias. O cálculo da razão 1:1.728 foi efetuado pelos cientistas do palácio de Belfaborac com base no exame comparativo do tamanho dos órgãos responsáveis para a força metabólica do gigante comparada com um cidadão médio do reino.

O cálculo da distribuição da carne e comida foi fundamental nesse acordo, que sugere uma outra faceta de uma história institucional de Gulliver em Lilliput, contrabalançando o cálculo liberal de vantagens comparativas a serem aproveitadas, no caso.

Quando as cenas de Lilliput foram transfiguradas para uma realidade inversa, as conseqüências foram, no mínimo, interessantes. Houve uma inversão de realidade para Gulliver, conforme seu relato na parte II das *Viagens*, quando nosso herói se encontrava no país de Brobdingnag, após mais um desastre marítimo. Nesse reino alternativo, Gulliver assume uma estatura antrópica consideravelmente menor, comparada até com a figura malévola do anão da rainha. Mas, no relato satírico de Swift, as vivências do gigante Gulliver em Lilliput e do subanão em Brobdingnag ressaltam qualidades antrópicas distintas. No primeiro caso, de gigantismo, foi a sabedoria com a razão que dominaram

os cálculos, as decisões e as leis que se aplicaram ao comportamento dos envolvidos. No caso de sua situação de subanão em Brobdingnag, foi a qualidade de astúcia mais do que a sabedoria que resultou na conquista de Gulliver por sua liberdade e sua volta a casa. A astúcia ajudou em sua capacidade de se submeter a situações indignas, trabalhando como colega de palhaços em espetáculos públicos na metrópole de Lorbrulgrud. A astúcia tornou necessária a conquista de amigas protetoras, como no caso crucial da relação de Gulliver com a filha do fazendeiro, responsável por sua captura. A astúcia também ajudou a formação de amigas poderosas na relação de Gulliver com as figuras da rainha e do rei de Brobdingnag.

A sobrevivência e a salvação do subanão aparecem no relato de Swift como algo muito mais difícil se comparadas com a sua experiência alternativa como gigante. Enfrentar um ambiente ecologicamente perigoso, dado o tamanho de todos os bichos, desde as moscas até as águias, não foi fácil. Díficeis também foram os perigos com os detritos de todos os tipos. Mas, Swift implicitamente sugere que a sabedoria tornou-se um refém da astúcia para sua sobrevivência em Brobdingnag.

De volta para nosso mundo atual da Academia, os ensinamentos de Swift no caso da carne e comida para gigantes e para subanões parecem relevantes ao caso de uma área de Arquitetura e Urbanismo entre as áreas acadêmicas no Estado de São Paulo. Nas Tabelas 1 e 2 a seguir foram comparadas as concessões de bolsas e auxílios na área de Arquitetura e Urbanismo e na área das Ciências Biológicas pela Fapesp. Mesmo considerando os justos e reconhecidos méritos do Projeto Genoma, que está sendo promovido pelo governo do Estado, e os avanços na luta contra o cancro cítrico, terror dos laranjais, a distribuição dos recursos causa um certo grau de espanto para os arquitetos e urbanistas da Academia.

Antes de novembro de 1996, a área de Ciências Biológicas já era maior do que a de Arquitetura e Urbanismo em todas as categorias de auxílio. Naquele ano na graduação houve 2,3 bolsas de iniciação científica para cada bolsa equivalente na Arquitetura e Urbanismo. Também naquele ano houve 2,9 bolsas de mestrado nas Ciências Biológicas para cada uma na Arquitetura e Urbanismo. Passaram cinco anos de mudança de prioridades. No fim de 2001, somando todos os tipos de bolsa, o quadro da Fapesp indica mais de 14 concessões para a área das Ciências Biológicas para cada concessão na Arquitetura e Urbanismo. No caso das bolsas de doutorado agora temos quase 27 bolsas nas Ciências Biológicas para cada uma na Arquitetura e Urbanismo.

Tabela 1 – Distribuição de bolsas e auxílios Fapesp, 1996-2001, nas áreas de Arquitetura e Urbanismo comparadas com as da área das Ciências Biológicas

Fapesp – Arquitetura e Urbanismo					
Data	Graduação	Mestrado	Doutorado	Outros*	Total
	IC	MSI+MSII	DRI+DRII		
30/11/96	47	40	7	1	95
30/11/97	62	50	10	2	124
30/11/98	42	58	16	6	122
30/11/99	51	60	20	3	134
30/11/00	53	42	21	3	119
30/11/01	36	39	22	5	102

Fapesp – Biologia					
Data	IC	MSI+MSII	DRI+DRII	Outros	TOTAL
30/11/96	109	115	90	30	344
30/11/97	130	210	165	97	602
30/11/98	155	298	301	159	913
30/11/99	186	356	428	195	1.165
30/11/00	252	389	551	283	1.475
30/11/01	285	313	591	280	1.469

Nota: Para outras bolsas e auxílios da Fapesp (PD, TT, PC, JP), ver informações no site da Fapesp em agosto de 2002.

Tabela 2 – Equivalência na distribuição de bolsas e auxílios da Fapesp por área. Número médio de concessões na área de Ciências Biológicas para cada concessão na área de Arquitetura e Urbanismo, 1996-2001

Fapesp – Biologia				
Data	IC	Mestrado	Doutorado	Total
30/11/96	2,32	2,88	12,86	3,62
30/11/97	2,10	4,20	16,50	4,85
30/11/98	3,69	5,14	18,81	7,48
30/11/99	3,65	5,93	21,40	8,69
30/11/00	4,75	9,26	26,24	12,39
30/11/01	7,92	8,03	26,86	14,40

Com esses resultados explícitos e sistemáticos, para não dizer polêmicos, parece que a área de Arquitetura e Urbanismo tem como destino, no Estado de São Paulo, uma situação relativa de subnãno semelhante à de Gulliver no país de Brobdingnag.

Para a Arquitetura e Urbanismo como uma área, o problema parece estar localizado na “Coordenação de Áreas” exercida na Fapesp. Quando uma bolsa é negada, a notícia é transmitida numa carta polida e compreensível, mas padrão, pelo diretor científico da instituição. O tom cordial da comunicação inclui o seguinte teor:

... a Fapesp já não pode atender a mais que uma fração das solicitações incondicionalmente recomendadas, no mérito, por sua assessoria externa. Por essa razão, todas as solicitações, até mesmo aquelas com pareceres irrestritamente favoráveis dos assessores *ad hoc*, são submetidas, no âmbito das Coordenações de Área, a um processo altamente competitivo de avaliação comparativa.

Nesse processo, define-se a posição relativa de cada solicitação numa escala de prioridades, conforme seu grau de excelência nos itens Projeto, Candidato e Orientador ... A presente solicitação foi submetida a uma tal análise comparativa e não obteve o grau de prioridade necessário para seu atendimento...<sup>14</sup>

Se a norma é isso e se consideramos que a função de uma norma ou uma lei não é de “punir” mas a de “educar”, então parece faltar para a área de Arquitetura e Urbanismo um entendimento melhor de como funciona o assinalado “processo altamente competitivo de avaliação comparativa” no âmbito das Coordenações de Área da Fapesp.

**14** Carta do professor doutor José Fernando Perez, diretor científico da Fapesp, para um candidato recusado preliminarmente numa solicitação de bolsa de mestrado em agosto de 2002.

Seguindo os ensinamentos do anglo-irlandês Swift, um entendimento das leis de distribuição de carne e comida parece fundamental para um entendimento da situação. Entretanto, vale lembrar um outro ensinamento irlandês que de fato é quase universal: “nunca morder a mão que fornece sua comida”. Talvez o problema seja outro – a falta de astúcia na arquitetura e urbanismo estadual e a sabedoria na arquitetura e urbanismo federal. Mas numa situação de incredulidade generalizada todas as dúvidas serão possíveis.

**Philip Gunn**, arquiteto, é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. E-mail: phomgunn@usp.br

Artigo recebido para publicação em novembro de 2002.

**A B S T R A C T** *The following paper discusses the institutional influence on research in the Brazilian post-graduate programmes of higher education. This topic is seen from the viewpoint of members of the countries national association of urban and regional planning, Anpur. The aim of the paper is to present summary description of each members research priorities, using data collected from the members by the Federal Educational Ministries funding and regulatory agency, Capes. This agency is responsible in Brazil for the annual evaluations of the post-graduate programmes. All programmes are required by the regulatory agency to furnish the extensive data which is published on a restricted basis in electronic form when used to evaluate each individual programme. The research priorities help to provide not only a thematic profile of research among Anpur members but also an insight into the institutional history and geography of urban and regional research in Brazilian Universities and Research Agencies. The paper shows that a majority of programmes have been associated with the growth of Architectural Faculties and Departments and suggests that the current lines of research reflect the academic history of modernism in architectural and planning schools in Brazil. This aspect of modernism generated a model of three thematic groups of teaching and research interests based on Architectural and Planning History, Project Design and Built Environmental Technology. Many research programmes however are not architecturally based and thus do not follow the HPT model. Other institutional histories and academic orientations are also reviewed in summary form in the attempt to indicate a national profile on current research.*

**K E Y W O R D S** *Research; post-graduate programmes; evaluation; Capes.*